

TECNOLOGIAS E ESTÉTICAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



MARCELO PEREIRA DA SILVA
(ORGANIZADOR)

TECNOLOGIAS E ESTÉTICAS DA COMUNICAÇÃO NO BRASIL



MARCELO PEREIRA DA SILVA
[ORGANIZADOR]

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof^a Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T255	<p>Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-010-0 DOI 10.22533/at.ed.100201504</p> <p>1. Comunicação social – Pesquisa – Brasil. 3. Tecnologia da informação. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.48</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As tecnologias e técnicas ligadas à informação e à comunicação inauguraram mundos, linguagens e suportes nunca antes vistos na história da humanidade: Pela quantidade de dados e conexões produzidos e disseminados nas/pelas redes/mídias digitais, mas, sobretudo, pelas oportunidades decorrentes deste complexo universo. Oportunidades investidas de desafios: o sociotecnicismo abriu as portas de uma galáxia pletórica de ambivalências: a estética suplanta a ética e hipervaloriza a cosmética.

No interior desta realidade, pensar a comunicação mediada pelas tecnologias e suas estéticas torna-se fundamental para avançar o debate acerca das possibilidades que esse cenário fomenta, colocando na ribalta questões como: diálogo, interculturalidade, crises migratórias, jornalismo, redes da Internet, dialogia, dignidade humana e fenômenos emocionais, questões sobre as quais pesquisadores do Brasil e de outros países jogaram luz nesta obra, composta de 8 artigos de elevado valor para a compreensão das aporias e dilemas da sociedade contemporânea.

Intitulado “Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil”, este e-book coloca em relevo o lugar ocupado pelas linguagens, sujeitos, materialidades, partilhas, conversações, etc. no bojo dos processos frenéticos de mediatização, abarcando fenômenos sociais que envolvem dimensões comunicativas, estéticas, estratégicas, educativas, éticas, sociais, culturais e identitárias ligadas à estetização e à tecnologização do mundo.

MARCELO PEREIRA DA SILVA

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMUNICACIÓN COMO DIÁLOGO E INTERCULTURALIDAD	
Irving Samadhi Aguilar Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.1002015041	
CAPÍTULO 2	14
O LUGAR DAS RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DA COMUNICAÇÃO: REVISÃO LITERÁRIA DO CENÁRIO PAULISTA (2008-2012)	
Jéssica de Cássia Rossi	
Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1002015042	
CAPÍTULO 3	29
MEDIA COVERAGE OF THE MIGRATORY CRISIS IN SWEDEN: A REVEALING OF THE GROWING POLARIZATION BETWEEN TRADITIONAL MEDIA AND ANTISYSTEM MEDIA?	
Renaud de la Brosse	
Gabriella Thinsz	
DOI 10.22533/at.ed.1002015043	
CAPÍTULO 4	40
JORNALISMO E ENTRETENIMENTO NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET: UMA UNIÃO POSSÍVEL?	
Pedro Augusto FARNESE de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.1002015044	
CAPÍTULO 5	54
EAM – ESPELHO DE AVALIAÇÃO DE MARCAS: DESENVOLVIMENTO DE METODOLOGIA PARA A LINHA DE BRANDING – ANÁLISE DE MARCA DO PROJETO DE GRADUAÇÃO UNICURITIBA	
Fabiano Christian Pucci do Nascimento	
Mariana Santos Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.1002015045	
CAPÍTULO 6	68
DIALOGIA COMO RESTAURADORA DA DIGNIDADE	
Hanna Suanne de Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1002015046	
CAPÍTULO 7	78
OS FENÔMENOS EMOCIONAIS ENVOLVIDOS NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA DIANTE DE TAREFAS COMUNICATIVAS	
Jhuly Nolasco Madruga	
DOI 10.22533/at.ed.1002015047	
CAPÍTULO 8	83
SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL SOB AS LENTES DA PROPAGANDA INSTITUCIONAL: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DISCURSIVA EM PEÇAS PUBLICITÁRIAS	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1002015048	

SOBRE O ORGANIZADOR.....	95
ÍNDICE REMISSO.....	96

JORNALISMO E ENTRETENIMENTO NAS REDES SOCIAIS NA INTERNET: UMA UNIÃO POSSÍVEL?

Data de aceite: 08/04/2020

Pedro Augusto FARNESE de Lima

Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, MG

Mestre pelo do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, email: pedro.farnese@ifsudestemg.edu.br.

RESUMO: O presente artigo se propõe a fazer uma breve discussão teórica com a apresentação de alguns elementos empíricos comprobatórios sobre a utilização da lógica do entretenimento na edição on-line do jornal O Globo. Nos interessa, sobretudo os aspectos do riso e do humor na veiculação de notícias nas Redes Sociais na Internet (RSIs). Para tanto, partiremos em um primeiro momento do embate teórico sobre a função do jornalismo e da construção das notícias. Logo em seguida, abordaremos alguns aspectos do riso e do humor e demonstraremos as conexões entre esta linguagem e os indivíduos de seu tempo. Mais adiante, explicaremos a metodologia utilizada para tentarmos identificar os elementos da discussão teórica através do recorte empírico. Por fim, estabeleceremos nossas considerações finais acerca do objeto

à luz do percurso teórico e da metodologia abordada.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; entretenimento; infotainment; redes sociais na internet.

INTRODUÇÃO

A profissionalização do jornalismo, que se iniciou no Século XIX e teve seu auge no centenário seguinte, o inseriu aos poucos em um espaço definido como lugar de referência de informação dos indivíduos e de fomento à participação democrática (TRAQUINA, 2004). Este processo, que partiu primeiramente do jornalismo impresso, consistiu em uma busca maior por objetividade por meio de técnicas de construção da notícia (LAGE, 2001, TRAQUINA, 2001, WOLF, 2003).

Os textos até então muito opinativos, que se confundiam com notícias, foram separados em cadernos de opinião, deixando assim, para o corpo das matérias, conteúdos mais “objetivos”. Além disso as notícias se divorciaram das propagandas (AGUIAR; 2008; TRAQUINA, 2004). Como bem esclarece Leonel Azevedo Aguiar:

Este é o padrão – o modelo norte-americano e inglês de jornalismo informativo, separando as opiniões de fatos – que, no decorrer do século XX, acaba por se tornar dominante no campo jornalístico das sociedades democráticas (AGUIAR, 2008, p.16).

É importante destacarmos que já em 1695 Kaspar Stieler – como bem lembrou Michael Kunczick (2002, p.242) – já salientava que os redatores deveriam ter a capacidade de discernir o que era importante do trivial.

Dando prosseguimento a definição destes critérios, Michael Kunczick (2002, p.242) estabeleceu que os profissionais da comunicação devem observar valores como: novidade, proximidade geográfica, proeminência e negativismo. No clássico estudo, “Opinião Pública”, Walter Lippman estabelece como valores: clareza, surpresa, proximidade geográfica, impacto e conflito pessoal. Em 1959, Fraser Bond em “Introdução ao Jornalismo”, destaca que uma das funções das notícias é despertar o interesse do público a respeito dos fatos do cotidiano como questões que envolvem saúde e bem-estar e observa que uma matéria pode conter um ou diversos destes elementos de noticiabilidade. Porém, “[...] em cada caso, o elemento dominante presente nos indica qual o tipo de categoria do assunto” (BOND, 1959, p.71).

Os critérios de seleção de notícias na visão de Mauro Wolf ainda passa por negociações que são realizadas “pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção” (WOLF, 2003, p.200).

A organização das informações observando estes critérios, faria assim então que a narrativa dos fatos se pautasse apenas em critérios objetivos, sem opinião, já que “[...] a exatidão é o elemento chave da notícia [...]” (MANUAL DA FOLHA, 1992, p.157).

1 | INFORMAR OU ENTRETER: QUAL A FUNÇÃO DAS NOTÍCIAS?

Esta questão que atravessou boa parte do século XX e se estendeu aos dias atuais provocou embates teóricos que buscaram definir ética e objetivamente o lugar do jornalismo como função social. De um lado, há aqueles que defendem ser impossível a prática da produção de informações na imprensa com o viés do entretenimento (BOURDIEU, 1997; SOUSA, 2002; GOMES, 2004; TRAQUINA, 2004); de outro, se encontram teóricos que acreditam ser viável e necessário esta condensação (POSTMAN, 1986; DEJAVITE, 2007; GUTMANN, 2008).

À missão do jornalismo moderno, destaca Juliana Freire Gutmann (2012, p.26) caberia informar a opinião pública sobre os fatos do cotidiano, fornecendo subsídios para a busca da verdade. Já ao entretenimento – sempre tratado no sentido de oposição, de razão à verdade – caberia alimentar a imaginação, divertir e trazer uma atmosfera mais leve ao público.

De maneira mais radical, Wilson Gomes (2004, p.313) defende que o jornalismo

deve fornecer ao leitor mecanismos de transparência dos fatos públicos e incentivar os cidadãos a se envolverem no processo político. Neste sentido, o entretenimento não teria lugar nesse processo de emancipação política e cidadã, sendo a informação “[...] incompatível com uma codificação em chave lúdica”. Este posicionamento de Gomes já era também defendido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997) que denunciava o uso do entretenimento no âmbito da televisão para a espetacularização das notícias relativas à política, que levava segundo o teórico, à alienação do público. Como destaca:

A busca do divertimento inclina, sem que haja necessidade de pretendê-lo explicitamente, a desviar a atenção para um espetáculo todas as vezes que a vida política faz surgir uma questão importante, mas de aparência tediosa, ou, mais sutilmente, a reduzir o que se chama de atualidade a uma rapsódia de acontecimentos divertidos, frequentemente situados a meio caminho entre as notícias de variedades e o show, a uma sucessão sem pé nem cabeça de acontecimentos (BOURDIEU, 1997, p.139).

Seguindo este fio teórico, o jornalismo deveria especialmente informar aos cidadãos, levando-os a uma reflexão sobre o mundo, de forma que estes se sentissem motivados a interferir nos assuntos públicos e agirem de forma responsável. De forma oposta, entreter jornalisticamente poderia degradar a informação e, ao mesmo tempo, a função da imprensa na sociedade (SOUSA, 2002). A esta definição de fronteiras, Nelson Traquina (2004) alerta que os profissionais e empresas de jornalismo não podem esquecer as regras elementares do trabalho, como por exemplo, a apuração cuidadosa dos fatos e a manutenção da fronteira entre estes e a ficção.

À negligência desta fronteira, Gomes (2004, p.315) destaca que boa parte dos leitores e espectadores têm pouca disposição para se aprofundarem no conteúdo. Desta forma a imprensa forneceria um tipo de informação onde prevaleceria a lógica da diversão, que ao extremo poderia se concretizar em uma prática onde o leitor não necessitaria nada mais do que um “consumo distraído”.

Buscando romper esta barreira que separa jornalismo de entretenimento, ao analisar os aspectos do *infotainment*², Gutmann (2008, p.3) salienta que o primeiro, sobretudo o televisivo, deve se adequar à lógica do meio e utilizar os elementos e recursos visuais e sonoros disponíveis. “Esse pressuposto evoca a necessidade de repensar a tão enraizada oposição valorativa entre informação e entretenimento de modo a problematizar a própria concepção do jornalismo moderno, amparada nos ideais iluministas do homem livre e racional”. Neste sentido, Postman (1986) já observava que os telejornais têm por principal função entreter os espectadores. Sob

2 De acordo com Itania Maria Mota Gomes, no artigo “O *infotainment* na televisão” (2009), não é adequado atribuir *infotainment* como conceito, antes porém, deve ser entendido como uma junção de dois elementos que se fundam para explicar a mistura de duas áreas de produção cultural distintas. Neste sentido, *infotainment* seria mais um tipo de neologismo. Por ser construído através da junção de duas expressões que caracterizam duas áreas da produção cultural distintas, torna-se difícil a definição de *infotainment* como um conceito próprio: o melhor seria considerá-lo um neologismo.

este argumento, tudo o que envolve o noticiário seria interpretado pelo espectador como um show de notícias: a forma dos apresentadores anunciarem as matérias, a aparência, as dicas, o tom leve em que interpretam certas pautas como corrupção, a criatividade dos comerciais nos intervalos. Ou seja, tudo isso serviria para entreter o telespectador e criar um clima leve.

A mesma corrente teórica é observada em Fabia Dejavite que não acredita que há um limite ético que separaria o jornalismo do entretenimento. “Esse tipo de conteúdo [o entretenimento] satisfaria nossas curiosidades, estimulando nossas aspirações, possibilitando extravasar nossas frustrações e nutrindo nossa imaginação” (DEJAVITE, 2007, p.3). Neste arcabouço se destacariam as notícias-light que são informações de conteúdo breve, de fácil entendimento, que servem para divertir o público (Idem, 2007).

Diante dos argumentos teóricos acionados, algumas perguntas que se colocam no horizonte: a fronteira que separa jornalismo de entretenimento, se mantém a mesma ou foi enfraquecida após o advento da internet, sobretudo com a entrada das redes sociais digitais? Qual o tipo de linguagem mais abordada no jornalismo para trazer este clima relax do noticiário aos espectadores? Antes porém, de irmos adiante com estas indagações, traremos alguns dos principais conceitos que acreditamos ser utilizados nos meios jornalísticos: o uso do riso.

2 | O RISO COMO FUNÇÃO SOCIAL

O que provoca o riso? Esta pergunta intriga pesquisadores e literários há mais de dois milênios. Do período greco-romano, onde as manifestações se davam em um contexto de violência e escárnio explícitos, aos tempos burgueses, de uma manifestação mais comedida, tímida, até os dias atuais - onde há uma banalização geral em virtude da fragilidade das referências de mundo dos indivíduos – o riso tem marcado as sociedades, revelando preconceitos, tabus, e desvelando os principais dilemas de uma época. (LIPOVETSKY, 1989; BERGSON, 1993; MINOIS, 2003, RABELAIS, 2003; BAKHTIN, 2010).

É neste âmbito que o filósofo francês Henri Bergson (1993) atribui ao riso uma função social. Para compreendê-lo é preciso situá-lo no seu meio natural que é o tecido da sociedade e determinar a sua função útil no contexto ao qual está inserido. Ao explorar os principais elementos do riso Bergson (1993) destaca o fato dele ser humano, de caráter grupal, ambíguo e ser um ato de inteligência. Quanto ao segundo pressuposto (grupal) o teórico enfatiza que o riso possui uma função disciplinadora. Isso se confirma na visão do filósofo, pelo fato de rirmos dos atos daqueles que agem fora dos padrões aceitos da sociedade: etiquetas, formas de apresentação, vestuário, estilo, etc. Este aspecto também foi observado por Mikhail Bakhtin nas festas greco-romanas, onde os excessos eram liberados, os reis despostos e os tabus eram questionados: “A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante que

assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória” (BAKTHIN, 2010, p.8).

No decorrer dos séculos até a era contemporânea, com a decepção da realidade, o riso se encontra atualmente em uma contradição. Se por um lado há a impressão de que está disseminado em todo o corpo social, por outro há elementos para cremos que [...] rimos cada vez menos, apesar de todas as ciências alardearem os méritos quase milagrosos do riso” (MINOIS, 2003, p.18). Para o pensador Gilles Lipovetsky (1989) estamos inseridos em uma sociedade humorística em que tudo dá espaço a brincadeiras, tornando o riso e a descontração quase que uma obrigação. Neste sentido, *Minois (2003, p.15) define a presente realidade como:*

[...] cool e fun, amavelmente malandra, em que os meios de comunicação difundem modelos descontraídos, heróis cheios de humor e em que se levar a sério é falta de correção. O riso é onipresente na publicidade, nos jornais, nas transmissões televisivas e, contudo, raramente é encontrado na rua. Elogiamos seus méritos, suas virtudes terapêuticas, sua força corrosiva diante dos integristas e dos fanatismos e, entretanto, mal conseguimos delimitá-lo. Estudado com lupa há séculos, por todas as disciplinas, o riso esconde seu mistério. Alternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

Nesta condição ambígua de estar disseminado ou suprimido, porém se encontra a sobrevivência do mesmo, já que este serve tanto para afirmar ou subverter algo, como para convencer e conquistar o espírito moderno (MINOIS, 2003).

2.1 O riso como libertação dos desejos reprimidos

O psicanalista austríaco Sigmund Freud, realizou uma série de estudos sobre o riso e sua relação com o inconsciente. O objetivo era descobrir a fonte do prazer que se obtém do humor. Já tendo identificado em 1900 que o chiste³ aparecia como conteúdo de diversos sonhos, o pensador observou que o riso decorre da piada ou da palavra que pode liberar emoções reprimidas. Em 1905, publicou o livro “Os chistes e sua relação com o inconsciente”, no qual tentava desvendar o que tornava uma piada risível e como o riso contribuía para uma economia psíquica⁴.

Outra contribuição importante de Freud no âmbito do riso, e que destacamos neste artigo, é a forma como esta linguagem é utilizada para quebrar tabus. Como toda atividade humana está ligada ao princípio do prazer, diante das dificuldades da vida, dos tabus e censura impostas, rir, seria uma espécie de válvula de escape para o homem. Para Freud (1990), os tabus ainda operam na sociedade, como descreve:

3 Certo tipo de piada curta, contada de maneira séria, mas que ao fim, suscita o riso.

4 Este termo é abordado por Freud como um mecanismo de economia de tensões e de embates de assuntos que provocam sofrimento. Neste sentido, o riso seria uma ferramenta fundamental para evitar desgastes na relação humana, ao tornar assuntos de cunho sério, mais leves.

O significado de 'tabu', como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, 'sagrado', 'consagrado', e, por outro, 'misterioso', 'perigoso', 'proibido', 'impuro' [...]. Tabu traz em si um sentido de algo inabordável, sendo principalmente expresso em proibições e restrições (FREUD, 1990, p. 37).

Na visão do psicanalista austríaco, uma das coisas que podem contribuir para aliviar as tensões, liberar recalques do inconsciente e enfrentar o tabu é o riso, já que, por ser uma fonte de prazer, ignora fronteiras sociais.

Sendo o jornalismo uma fonte de referência de mundo e uma espécie de arena onde os mais diversos temas são debatidos, interessa-nos saber como o riso se manifesta neste meio como forma de enfrentamento de tabus e desejos reprimidos no público.

2.2 Riso no jornalismo em tempos de redes sociais digitais

Antes de discorrermos sobre a prática do riso na internet, cabe lembrarmos que esta linguagem sempre esteve atrelada à imprensa como forma de criticar, ironizar, debochar de assuntos e agentes políticos e tabus da sociedade. Mesmo em períodos de repressão como o Estado Novo (1937-1945) quando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fixava assuntos que seriam proibidos para evitar críticas, o riso se manifestou como um ponto de resistência (GARCIA, 2004).

A revista *Careta*, fundada em 1908 e operante até 1960, foi uma das mais perseguidas pelo governo Vargas, já que adotava um tom humorístico de críticas em todo o projeto editorial. Após 1964, vários veículos de imprensa foram censurados pelo governo militar como a revista *Veja*, em 1974, com uma charge de Millôr Fernandes, ou até mesmo o *Jornal o Pasquim*, liderado pelo chargista Ziraldo (MAIA, 2002; AUGUSTO, 2006).

Após destacarmos alguns dos aspectos de resistência do riso na imprensa, cabe salientarmos outra dimensão desta linguagem: a arte de entreter. Com o avanço dos meios de comunicação, sobretudo rádio e TV, ao logo do século XX, até os dias atuais onde a internet e as redes sociais digitais permeiam todo o tecido de relações de trabalho, economia, família, negócios e informação, o riso se tornou uma poderosa ferramenta de entretenimento. Mesmo em conteúdos mais sérios como salientamos anteriormente, o riso é utilizado para tornar o clima mais relax dos jornais diários.

Nos tempos atuais os consumidores também são produtores de conteúdos e às vezes competem espaços que antes eram exclusivos do jornalismo (JENKINS, 2008). Buscando manter a autoridade de informar sobre os assuntos públicos, os jornais têm

5 Este processo é definido por Bolter e Grusin (2000) como a capacidade dos meios em se adaptar à outras plataformas. Neste sentido, mesmo após o advento de uma nova tecnologia, uma plataforma de linguagem não seria extinta, mas transformada, hibridizando alguns elementos, mas mantendo, porém as suas características principais.

buscado se adequar à lógica das Redes Sociais na Internet (RSIs), atendendo assim, às demandas do exigente novo público. Este processo é marcado por remediações⁵ (BOLTER; GRUSIN, 2000) e rupturas (PALACIOS, 2003).

Neste processo as tradicionais redações atravessam nos últimos tempos constantes adaptações e readaptações nos processos produtivos em busca de agilizar técnicas de apuração, edição e circulação de notícias para conquistar leitores e espectadores. Isto faz com que os jornais experimentem novos modelos de negócios em diferentes suportes midiáticos, buscando identificar recursos de personalização de notícias adaptadas para as plataformas sociais.

Isso acontece a partir de processos como a convergência jornalística que envolve a distribuição multiplataforma: adequação de determinado conteúdo em diferentes mídias de maneira congruente (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008). Neste cenário de desafios e incertezas, talvez uma das movimentações que surgem desta nova relação com a produção e distribuição da notícia é a utilização dos sites de redes sociais (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008; RECUERO, 2009) como plataformas para divulgação de informações.

É atendendo a esta lógica do entretenimento que acreditamos neste artigo que o uso da linguagem do riso pela imprensa pode ser importante para atrair a atenção do público. Ao confrontar tabus, preconceitos da sociedade, ou mesmo ao ironizar ações da esfera política, somos levados a pensar que o uso do riso pela imprensa, e, sobretudo nos meios digitais, cumpre um papel importante para trazer o espectador para o debate das pautas que o tocam. Ao mesmo tempo, esta linguagem pode contribuir para entreter e tornar mais leve o ambiente social difundido pela imprensa, muitas vezes, composto de notícias envolvendo tragédias e escândalos.

3 | METODOLOGIA E *CORPUS* DE ANÁLISE

Com o intuito de identificarmos em que medida e quais os mecanismos que a linguagem do riso é utilizada para se adequar à lógica da cultura da convergência digital e cultural (JENKINS, 2008), analisamos as publicações da edição eletrônica do jornal O Globo por meio das publicações compartilhadas no Facebook⁶ através *fanpag*⁷ oficial do veículo. A escolha se deve ao fato de ser um dos principais jornais do país e com grande adesão no Facebook, possuindo mais de 4, 437 milhões de seguidores⁸.

O período de recorte compreende os dias 14, 15, 16 e 17 de dezembro de 2015.

6 Rede social criada em 2004 por Mark Zuckerberg que permite o compartilhamento de fotos, vídeos, textos e ligações de amizades por meio de uma rede de amigos e seguidores que os usuários estabelecem e compartilham.

7 Página profissional de instituições, empresas ou personalidades que são seguidas por fãs.

8 Dados de 2015, período do recorte.

9 Aplicativo de smartphones que permite o envio e o compartilhamento de textos, arquivos de áudio, vídeo e de imagens, além da realização de ligações gratuitas via sinal de internet.

Nas referidas datas, alguns fatos importantes movimentaram o noticiário: o julgamento do processo de *impeachment* da então presidente da República Dilma Rousseff no Supremo Tribunal Federal; denúncias de corrupção contra o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha; a suspensão do serviço de *Whatsapp*⁹ no país – foram alguns dos temas marcantes nos jornais de todo o país.

A construção do *corpus* foi baseada na metodologia de análise de conteúdo híbrida (BAUER, 2008), com a coleta de dados quanti-qualitativos, que nos permitiu identificar se foram utilizados ou não elementos do riso (como a ironia e o enfrentamento de tabus) como estratégia de veiculação de notícias na referida *fanpage*.

3.1 Análise e discussão

Durante os quatro dias de observação foram registradas 231 postagens. Todas possuíam uma imagem ou vídeo junto com a chamada da matéria jornalística, sendo assim um modelo para as publicações na *fanpage*. Também identificamos que todas as publicações apresentavam *links*, que direcionavam os internautas para as URLs¹⁰ (*Uniforme Resource Locator*) onde se encontram as informações jornalísticas completas.

Nos despertou a atenção ainda o rompimento das editorias. Nos posts lançados no Facebook não houve referências às editorias dos assuntos correspondentes. Estes apareceram de forma aleatória vinculados apenas ao link do jornal com o respectivo endereço onde se encontravam as matérias completas.

Uma outra estratégia que identificamos da *fanpage* O Globo foi a utilização de imagens como hipertextos. Esse recurso permite ao internauta que clicar em determinada foto ser direcionado para o website do jornal. Detectamos que a página também adaptou alguns títulos, deixando-os mais curtos, envolventes, com linguagem coloquial.

Diante dos fatos turbulentos no cenário político, como destacamos na abordagem metodológica, buscamos identificar elementos do riso presentes nas notícias, sobretudo, ironia e tabus). Em nosso levantamento, 30 (12.98%), do total de 231 corresponderam a esta linguagem.

Uma das publicações da *fanpage* O Globo mostrou bem este viés descontraído e humorístico. Para citar a crise econômica que afetava diversos municípios do país, o jornal fez uso do termo popular “Pindaíba” no título da postagem para tratar do caso da Prefeitura do Rio de Janeiro. (Figura 1). Outro caso também tratado com certa descontração, foi a suspensão do serviço de comunicação via mensagens instantâneas *WhatsApp* em todo o país. A postagem usou da ironia¹¹ em sua abordagem, fazendo

10 Em português: Localizador Padrão de Recursos.

11 De acordo com Sócrates, é um recurso pedagógico para se chegar à reflexão. Cf. Platão (1980). Segundo Dorine Cerqueira (1997, p.19), a ironia “é a maneira de exprimir o contrário do que se sente ou pensa, com intenção depreciativa e sarcástica”. Relacionada ao intelecto, e não com a emoção, é um modo de persuadir e está conectada à agressividade e à crítica. O sarcasmo, a antífrase e o eufemismo são alguns tipos de ironia).

uma alusão à investigação de corrupção ao ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (Figura 2).



Fonte: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>

Ainda sobre a suspensão do serviço de mensagens instantâneas, outras postagens também foram veiculadas. Em uma delas, O Globo utilizou uma linguagem mais despojada para noticiar o fim do bloqueio, ironizando as reclamações dos internautas nas redes sociais (Figura 3). Isso demonstrou claramente o artifício da ironia que consiste em dizer o contrário do que se pretende anunciar (CERQUEIRA, 1997). Em outra publicação, o protagonismo dos internautas se transformou em notícia (Figura 4). Esta evidência vai ao encontro de um dos pressupostos teóricos abordados neste artigo de Jenkins (2008) que afirma que na cultura da convergência é o usuário que determina o que faz com a informação – o que pode impactar diretamente no que pode ser noticiado pela imprensa.



Figura 3



Figura 4

Fonte: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>

O engajamento dos usuários da internet também foi destaque na publicação que abordou os memes¹² produzidos a partir de uma notícia que mostrou um marido revoltado ao ver a esposa o traindo em um motel com o amigo (figura 5). No título, há a utilização de ironia sobre a frase marcante utilizada pelo público, “Foi fazer unha, né Fabíola”? Linguagem coloquial também foi explorada na figura 6 que abordou o calor de 39° na cidade do Rio de Janeiro. O episódio mostra como o jornalismo às vezes ultrapassa a fronteira do entretenimento para informar de forma a criar uma identificação com o leitor (POSTMAN, 1986; DEJAVITE, 2007; GUTMANN, 2008).



Figura 5



Figura 6

Fonte: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>

¹² Montagens com imagens a partir de uma história ou fato que são modificados geralmente com o uso de legendas.

Do total de 30 publicações que abordaram entretenimento identificamos 12 posts relacionados ao sexo. Este tema foi essencialmente explorado em vídeos em que um especialista debatia sobre o assunto com os internautas. A própria chamava convidava a participação do interagente (figuras 7 e 8). Chama a atenção a postura do jornal em colocar em discussão este tabu comumente expresso em proibições e restrições no meio jornalístico (FREUD, 1990).



Fonte: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>

A linguagem do riso foi determinante para criticar a justiça e abordar os tabus (sexo e machismo) em uma notícia. Tomamos como exemplo um milionário que foi absolvido de um processo de estupro, alegando que “caiu e penetrou acidentalmente” na vítima (figura 9). A ironia mais uma vez se mostrou predominante neste caso ao confrontar a alegação do empresário com o desdobramento contrário dos fatos.



Fonte: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/>

O riso ainda foi explorada como pergunta retórica (com a resposta logo em seguida) através da ironia. Ao noticiar o nascimento de um bebê em um carro do Uber (empresa de transporte privado acionado a partir de um aplicativo de celular) a chamada da matéria informou que a mãe, em forma de agradecimento, batizou a criança com o nome “Uber” (Figura 10).

CONCLUSÕES:

Este artigo buscou abordar como a linguagem do entretenimento, sobretudo por meio da linguagem do riso se manifesta nos jornais contemporâneos, em especial na realidade das Redes Sociais na Internet (RSIs). Para entendermos o cenário atual, buscamos no percurso teórico elencar as principais disputas entre as correntes que acreditam ser impossível a associação entre jornalismo e entretenimento (BOURDIEU, 1997; SOUSA, 2002; GOMES, 2004; TRAQUINA, 2004) de um lado, e de outro, aquelas que creem ser imprescindível este entrecruzamento (POSTMAN, 1986; DEJAVITE, 2007; GUTMANN, 2008).

Este embate que ainda permanece nos dias atuais nos trazem subsídios para pensarmos como o entretenimento, em especial por meio do riso de certa forma reflete o nosso próprio tempo, já que como enfatizou Minois (2003), esta linguagem está presente nos jornais, na televisão e em toda prática social.

Em uma abordagem mais específica evidenciamos como o riso se manifesta na ironia e se configura em uma poderosa ferramenta para o enfrentamento de tabus. Na amostra trabalhada da *fanpage* do jornal O Globo, estes elementos estiveram presentes em boa parte das publicações de entretenimento.

Acreditamos que mesmo em notícias com teor mais sério, há espaço para a linguagem coloquial e até mesmo sarcástica. Isso pode contribuir para a empatia

do leitor/interagente, que como nos lembrou Jenkins (2008) também é um produtor de conteúdo. Estes elementos demonstram claramente, a busca do jornalismo contemporâneo em se inserir em multiplataformas explorando diferentes mídias como o Facebook (SALAVERRÍA; NEGREDO, 2008), principalmente através das ferramentas do riso.

No recorte que estabelecemos, 30 de 231 postagens, ou 12,98% do total de publicações na *fanpage* no período analisado nos fornecem elementos para inferirmos que, apesar da linguagem do entretenimento ser uma realidade no meio jornalístico, a predominância de um tom mais formal e objetivo ainda prevalece.

Neste sentido concordamos com Gutmann (2008, p.2) quando afirma que cabe ao jornalismo informar sobre os fatos do cotidiano ao fornecer subsídios ao público à uma busca pela verdade, enquanto que ao entretenimento, implicaria suscitar a imaginação e trazer uma atmosfera mais leve.

Em um ambiente conturbado politicamente com tragédias e escândalos como o que vivemos no país nos últimos anos, acreditamos que o entretenimento, principalmente através dos recursos permitidos do riso -- mesmo que em uma porcentagem ainda pequena, como demonstrada neste recorte -- cumpre uma função social importante: ajudar os indivíduos a enfrentar a dura realidade (LIPOVETSKY, 1989; FREUD, 1990, MINOIS, 2003).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. A. **Entretenimento: valor-notícia fundamental**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia Ano V - n. 1 pp. 13 - 23 jan./ jun. 2008.
- AUGUSTO, S.; JAGUAR (Orgs.). **O melhor do Pasquim**. In: O Pasquim. Rio de Janeiro: Ed. Desiderata, v. 1, 2006.
- BAKHTIN, M. **Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BAUER, M. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão**. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático, 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BERGSON, H. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation: understanding new media**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- BOND, F. F. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- CERQUEIRA, D. **A Ironia e a ironia trágica em A morte de Quincas Berro Dágua**. Rio de Janeiro: Razão Cultura, 1997.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. A notícia light e o jornalismo de infotimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30, 2007, Santos. **Anais ... Santos - SP, 2007**.

FOLHA DE S. PAULO. **Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo: Folha da Manhã, 1992.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.131-150.

_____. **Totem e Tabu**. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

GARCIA, S. N. Fazendo Careta(s): humor visual como estratégia crítica em tempos de censura (1937-1945). In: XXII Semana de História – “O Golpe de 1964 e os dilemas do Brasil contemporâneo”56. **Anais...** UNESP/Assis, 2004.

GOMES, W. **Transformações da política na era da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.

GUTMANN, J. F. **Formas do telejornal**: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva. Salvador: UFBA/PÓSCOM, 2012. (tese)

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

KUNCZICK, M. **Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul - Manual de Comunicação**. São Paulo: Edusp, 2001.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

MAIA, M. **Censura, um processo de ação e reação**. In CARNEIRO, M. L. T. (Org.). *Minorias*

Silenciadas: história da censura no Brasil. São Paulo: Editora USP / Imprensa Oficial do Estado / FAPESP, 2002.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: UNESP, 2003.

PALACIOS, M. Internet as system and environment in cyberspace: Preliminary ideas from ongoing research. In: **Triple C** 1 (2), 2003, pp. 95-104.

PLATÃO. **Hípias Maior**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. Editora da Universidade Federal do Pará. 1980.

POSTMAN, N. **Amusing ourselves to death**. London: Penguin, 1986.

RABELAIS, F. **Gargantua e Pantagruel**. Trad. de David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SALAVERRÍA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado** – convergencia de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Sol 90, 2008.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

Afetos 69, 70, 73, 74, 76, 77

B

Branding 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 67

C

Cenário Paulista 6, 14, 15, 24

Comunicação de massa 14, 15, 16, 17, 18, 19, 26

Comunicación 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13

Contemporaneidade 28, 70, 95

cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 16, 17, 18, 46, 48, 52, 53, 68, 82

D

Democratic mission 29, 79

Diálogo 5, 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 64, 69, 70, 73, 75, 76, 77

Dignidade humana 5

E

Ensino-aprendizagem 82

Ensino em publicidade 54

Entretenimento 6, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 49, 50, 51, 52

Espelho de Avaliação 54, 61, 62, 65

H

Humor 40, 44, 53

I

Interculturalidad 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 13

J

Jornalismo 5, 6, 17, 20, 40, 41, 42, 43, 45, 49, 51, 52, 53, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 77, 96

L

Língua alemã 78, 80, 81

Língua estrangeira 78, 79, 80, 81, 82

Linguagem 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 73, 76, 79, 92, 93

Livros 22, 23, 24

M

Marcas 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 95

Memórias 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76

Migratory crisis 29, 30

Mulheres violentadas 68

N

Notícias 17, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 51, 74, 77

O

Outro 15, 22, 41, 44, 45, 47, 51, 59, 64, 73, 74, 75, 91

P

Paradigma 14, 15, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 69, 70, 74

Participação 19, 40, 50, 54, 57, 58, 65, 78

R

Redes sociais 6, 26, 40, 43, 45, 46, 48, 51, 53, 64, 95

Relações públicas 6, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 86, 95

Revisão literária 6, 14, 15, 23, 24

Riso 40, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53

S

São Paulo 14, 15, 20, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 52, 53, 66, 67, 68, 69, 77, 93, 94

T

Tarefas Comunicativas 82

Teorias da Comunicação 14, 15, 16, 23, 27, 28, 53

U

UFPEl 78, 82

Unicuritiba 55, 57, 58, 67

W

WhatsApp 47

 **Atena**
Editora

2 0 2 0